

TERRORISMO NA HISTÓRIA DA ÁFRICA OCIDENTAL: UMA AVALIAÇÃO DO SÉCULO XXI

Walter Gam Nkwi¹

Introdução: antecedentes históricos e conceituais

O termo terrorismo tem recebido atenção crescente e exagerada, particularmente após os ataques de 11 de Setembro aos Estados Unidos da América. Desde então, houve diversos ataques a vários governos, países e embaixadas estrangeiras, sequestro de aviões, de estrangeiros ou trabalhadores ocidentais, tráfico de drogas e abdução de vítimas da prostituição em quase todas as partes do mundo. Não obstante, o que constitui o terrorismo em termos de definição é tão variado quanto as diferentes perspectivas defendidas por vários estudiosos com antecedentes divergentes (Bolaji 2010; Hoffman 1998; Hutchinson e O'Mallery 2007; Wardlaw 1982; Warren 2012; Toros 2008). Este problema surge, então, pois não é exato o que o terrorismo de fato é e de acordo com que perspectiva. O que uma pessoa considera como terrorismo não será visto como terror sob outra perspectiva. O debate quanto ao que constitui o terrorismo atingiu os corredores do Conselho de Segurança da ONU em 2013. Em seu discurso de abertura, o Secretário Geral da ONU, Ban Ki-moon, afirmou *inter alia* “(...) conexões oportunistas entre terroristas e grupos do crime organizado transnacionais garantem um fluxo constante de pessoas, dinheiro, armas e bens ilícitos entre fronteiras, permitindo que tais grupos sobrevivam e se proliferem (...)” (Omuoha 2013).

O Secretário Geral da ONU estava definindo terrorismo em relação ao crime organizado transnacional, que tem ocupado muito dos estudos na África Ocidental. Tráfico de drogas e prostituição, por exemplo, foram considerados pelos estudiosos como crime organizado transnacional na África

¹ Doutor em História Social/Antropologia Social pela Universiteit Leiden, Holanda. Departamento de História, University of Buea, Camarões. E-mail: nkwi.walters@ubuea.cm

Ocidental. Em relação às drogas, a literatura afirma que drogas como cocaína, cannabis e marijuana atingiram áreas tão distantes quanto a América Latina por meio da África Ocidental, para então serem levadas de volta à Europa (Akyeampong 2005; Brown 2013; Champin 2011; De Andres 2008; Einstein 2012; Grassley 2012; Harrigan 2012; Hebab-Brown 2010; Limoncelli 2006; Wyler e Cook 2009). Outros estudiosos desenvolveram pesquisas profundas sobre a prostituição como crime organizado transnacional na África colonial e pós-colonial (ver Abderrahmane 2012; Aderinto 2007; Aderinto 2012; Barrera 1996; Brown-Taylor 2002; Gilfoyle 1999; White 1990). Com todos estes eventos ocorrendo na África Ocidental, não é exagero afirmar que a região tem sido centro das atividades ilegais na África.

Embora o terrorismo tenha recebido múltiplos significados (Williamson 2009; Schmid 2011; Hoffman 1998; Hoffman 2006; Novotny 2007), é relevante fornecer uma definição que será adaptada neste artigo. De acordo com o artigo 3 da Convenção sobre a Prevenção e Combate do Terrorismo (1999) da extinta Organização da Unidade Africana, hoje conhecida como União Africana (UA), o terrorismo é definido como:

a) qualquer ato que seja uma violação às leis criminais do Estado e que ameace a vida, a integridade física ou a liberdade de, ou cause ferimentos graves ou morte de, qualquer pessoa, número ou grupo de pessoas ou que cause ou possa causar dano à propriedade pública ou privada, recursos naturais, heranças culturais ou ambientais e é calculado para ou tem intenção de: (i) intimidar, causar medo, forçar, coagir ou induzir qualquer governo, organismo ou instituição, o público geral ou qualquer segmento deste, a fazer ou abster-se de fazer qualquer ato ou a adotar ou abandonar uma posição particular ou a agir de acordo com certos princípios; ou (ii) interromper qualquer serviço público, o fornecimento de qualquer serviço essencial à população ou criar uma emergência pública, ou (iii) criar insurreição generalizada em um Estado. b) qualquer promoção, financiamento, contribuição, auxílio, encorajamento, incitamento, tentativa, ameaça, conspiração, ou organização com qualquer pessoa, com o intento de cometer qualquer ato referido no parágrafo (a) (i) a (iii). (OUA 1999)

Parece-me que podemos adaptar favoravelmente tal definição e contexto para entender o terrorismo na África Ocidental como *longue duree* ao invés de situá-lo somente no período contemporâneo. De tal forma, neste artigo considero a definição acima como autêntica e relevante. Estudiosos e pesquisadores contemporâneos e/ou recentes trataram o terrorismo focando apenas no que tem acontecido recentemente e a literatura é repleta nesta abordagem. Por outro lado, Omuoha (2013) opina que o terrorismo na África Ocidental não é algo novo, o que considero deveras inspirador para este arti-

go. Foi somente após 2001, quando os Estados Unidos foram atacados, que a África Ocidental tornou-se tema corrente quando o assunto é terrorismo. Este assumiu dimensões nacionais e transnacionais ao mesmo tempo que a academia tornava-se interessada no assunto. Apesar do terrorismo já atingir a sub-região, ainda em 2006 se questionava se o fenômeno era real ou imaginado na área (Obi 2006).

Real ou imaginado, o terrorismo recebeu mais credibilidade quando seus apologistas afirmaram:

(...) Não há dúvida, portanto, de que organizações terroristas internacionais tenham presença na África Ocidental e que têm utilizado a sub-região como uma base operacional sem levar adiante qualquer ataque terrorista de grande porte ou significância internacional... A ausência de um grande ataque a qualquer alvo internacional localizado na África Ocidental pode, de tal forma, denotar táticas para isolar seus esconderijos dos olhos curiosos da comunidade internacional a fim de sustentar suas atividades (Yoroms 2007, 27)

Yoroms entendeu a questão, e esta precisa de alguma racionalização. O primeiro ponto relevante é o fato de que o terrorismo é real na África Ocidental, apesar dos terroristas nunca terem usado a sub-região para realizar qualquer atividade significativa fora do continente. Portanto, a África Ocidental parece ter sido apenas um local onde os terroristas se escondem e lançam ataques dentro do continente. O fato de Yoroms afirmar que não houve atividades terroristas significativas a partir da África Ocidental que atingiram proporções internacionais levanta debates e, de acordo com este artigo, tal insinuação poderia ser simplista e reducionista se nós não considerássemos as raízes históricas mais profundas do terrorismo, bem como a definição proposta pela UA que este artigo usa como base. Um inquérito mais cuidadoso das atividades terroristas sugere que se este se limitar aos períodos e acontecimentos recentes, então nós estamos perdendo o ponto. Neste artigo, eu me baseio no bem organizado e embasado texto do historiador cultural David C. Rapoport, que analisa quatro ondas de terrorismo. Ele define uma onda como “um ciclo de atividades em um período de tempo determinado com fases de expansão e contração” (Rapoport 2004, 47) Em seguida, o autor define a “Onda Anarquista” como o primeiro movimento terrorista com atividade global, para então discutir a “Onda Anti-Colonial”, a “Onda da Nova Esquerda” e, finalmente, a “Onda Religiosa”. Suas discussões de cada período podem auxiliar no entendimento das motivações de grupos que dão origem a, bem como perpetuam, a atividade terrorista. Apesar de não escrever exclusivamente sobre a África Ocidental, seu modelo pode ser muito útil para a compreensão da

história do terrorismo nesta região.

Este artigo de tal forma examina a região da África Ocidental como uma cidadela do terrorismo organizado no século XXI. A África Ocidental tem sido um tópico frequente na academia e por um longo período. Recentemente, atividades terroristas como a al-Qaeda no Mahgreb Islâmico (AQIM), Boko Haram no Norte da Nigéria, Seleka e anti-Balaka na República Centro-Africana e Janjaweed do Sudão do Sul atraíram as atenções internacionais. A região também sofreu ataques da comunidade internacional e de redes criminosas que usam a sub-região como um lócus global para distribuição, fornecimento e intensa produção de drogas ilícitas e tráfico de pessoas, especialmente crianças (Brown 2013, 1-23). Uma vez chamada de “A Cova dos Homens Brancos”, até a descoberta do quinino na década de 1880, os africanos ocidentais eram conhecidos como “rachadores de madeira” e “tiradores de água” (Nkrumah 1963, IX; Allman 1991, 6). Isso geralmente manteve o continente atrasado em relação ao estágio civilizacional do resto do mundo, conforme era suposto.

Muito foco foi dado à África Ocidental como uma zona de terrorismo organizado (Nkwi 2015; Ellis 1996; Curtin 1969; Lovejoy 1982; Manning 1990). Contudo, tal foco é dado por historiadores mais contemporâneos, antropólogos e cientistas políticos. A zona como uma região de trânsito foi palco de três grandes crimes. Estes incluem o tráfico de escravos, o comércio legítimo, prostituição e drogas. Isto não foi abordado adequadamente pelos pesquisadores. A zona referida como África Ocidental neste artigo inclui a Mauritânia, Benin, Burkina Faso, Guiné, Guiné-Bissau, Libéria, Mali, Nigéria, Senegal, Serra-Leoa e Togo.

Ao falar sobre a África Ocidental em 2012, o então Secretário das Nações Unidas, Kofi Annan afirmou:

Durante a última década, a África Ocidental passou por um progresso encorajador; conflitos violentos que arruinaram a região por muitos anos foram terminados. Há avanços consideráveis em desenvolvimento, saúde e educação. Crescimento econômico é acelerado. Práticas democráticas, apesar de ainda não serem a norma em toda a região, estão se consolidando. Contudo, é preciso agir agora, antes que o controle das redes criminosas ligadas ao tráfico de drogas ilícitas se torne maior e estrangule o desenvolvimento político e econômico da África Ocidental. (Annan 2012)

Colocando-se sob contexto, pode-se questionar se o discurso do então Secretário das Nações Unidas podia de fato ser levado a sério, dado o fato de que muitos conflitos aconteciam na região. Ele enfatizou o tráfico de drogas ilícitas, mas deixou de fora a parte histórica que foi marcada pela prostituição, tráfico de escravos e até mesmo o que era chamada de comércio legítimo.

Visto isso, o ponto é que a região foi palco, em tempo e espaço, para atos terroristas de todos os tipos, o que precisa ser propriamente abordado pelos historiadores.

Este artigo questiona quais foram as mudanças e continuidades nas atividades terroristas na África Ocidental? Quais foram as ramificações? Quem são os *key players*? O que explica o fato da região ser propícia às atividades terroristas? Quais as implicações na região e quais esforços foram tomados por organizações para eliminar o terrorismo? A fim de atingir estes objetivos, o artigo começará por examinar o período do tráfico de escravos transatlântico como o começo do terrorismo na região.

A escravidão na África é um domínio muito amplo, que não pode ser capturado em um único artigo. Contudo, é suficiente afirmar que o tráfico de escravos ocorria entre as sociedades da África Ocidental muito antes do tráfico transatlântico. Em termos de dimensão, longevidade e quantidade de escravos procurados no continente, contudo, o tráfico transatlântico foi superior. Uma vez que um africano era capturado e perdia sua liberdade, tornava-se um escravo. A literatura sobre o tráfico transatlântico é consolidada (Manning 1990; Austen e Derrick 1999; Northrup 1994; Klein 1993, Iliffe 1995). Geralmente, era a busca por escravos da África para as Américas. Contudo, apesar da literatura ser densa, é ainda necessário examinar o tráfico de escravos como o início do terrorismo na África Ocidental. Em um período de trezentos anos, mais de vinte milhões de africanos foram retirados de suas aldeias e enviados através do Atlântico para trabalhar nas plantações (Curtin 1969). As potências europeias, que incluíam a Grã-Bretanha, França, Espanha e Portugal, faziam o comércio. Seguindo a definição de terrorismo dada pela UA e adotada aqui, não há outra forma de enxergar tal fato se não como terrorismo ou de ver a África Ocidental de outra forma que não vítima. Indiscutivelmente, e com poucas exceções, os compradores europeus compravam cativos africanos nas costas da África, e a transação entre estes e os africanos não era mais do que uma forma de comércio. Pode-se afirmar, também, que um cativo era frequentemente vendido e revendido, conforme fazia seu caminho do interior para o porto da embarcação (Rodney 1974). A um nível geral, o processo pelo qual os escravos eram obtidos na África, mais amplamente, e na África Ocidental, especificamente, não era comércio de forma alguma. Era feito por meio de guerras, fraudes, banditismo e sequestros (Rodney 1974). Quando se tenta medir as ramificações do tráfico transatlântico no continente africano, é essencial e relevante dar-se conta que o que se mede é o efeito líquido do terrorismo social e/ou violência social, ao invés de comércio em qualquer sentido normal da palavra.

Um olhar mais próximo sobre o terrorismo social orquestrado pelas

potências europeias na África Ocidental revela o número de africanos que foram sequestrados e enviados à América. O número exato de pessoas sequestradas à América nunca foi esclarecido, de forma que de longa data é objeto de especulação nos discursos (Manning 1995; Eltis 1983, 1987; Eltis e Walvin 1981; Eltis e Jennings 1989; Inikori 1992; Curtin 1969). Estimativas variavam dos cinco milhões para até centenas de milhões. Enquanto os números permanecem objeto de especulação, é relevante para nós concluir que recursos humanos foram sequestrados e adaptados por mais de três séculos. Isto marcou o começo do terrorismo social na África Ocidental. Os escravos eram capturados, sequestrados, condenados e completamente privados de liberdade. Os primórdios da Revolução Industrial levaram a um declínio do tráfico transatlântico. Apesar de alguns acadêmicos (Iliffe 1995; Eltis 1987; Curtin 1969; Fage 1969) terem argumentado que a diminuição se deu pois o tráfico era maligno, o consenso geral que explica o fim do tráfico é de que a revolução industrial, que teve início na Inglaterra, proporcionou a relevância das máquinas em realizar o mesmo trabalho que os humanos e de forma mais rápida. O trabalho escravo tornou-se, então, redundante. As mesmas potências europeias que estavam no centro do tráfico de escravos introduziram o comércio legítimo, em que a África Ocidental se tornou novamente vítima. Iliffe (1995, 148) afirma que, durante este período, o comércio externo da África Ocidental expandiu-se dramaticamente e que o comércio com a França e a Inglaterra aumentou em seis ou sete vezes entre 1820 e 1850, enquanto que as importações de algodão europeu aumentaram em até 50 vezes. Ele em seguida afirma que os efeitos de tal comércio não devem ser exagerados, visto que o valor médio per capita do comércio externo da África Ocidental durante os anos de 1860 era de apenas um quadragésimo do inglês ou francês.

Os anos politicamente estáveis após a independência logo conheceriam seu crepúsculo. Durante o período pós colônia e mais recentemente, houve um ressurgimento do terrorismo na África Ocidental, especialmente no setor de Sahel. Isto envolveu atores diferentes daqueles dos períodos pré-colonial e colonial, mas o que permaneceu foi o ato em si. Quase a totalidade da África Ocidental adquiriu “independência de bandeira” até os fins dos anos 1960 e vivenciou certa estabilidade política, que foi interrompida pela guerra fratricida na Nigéria. Os anos 1980 foram anos negros para a África Ocidental em vários domínios. Foram anos de declínio econômico, em que os países da África Ocidental encontraram-se em dificuldades financeiras devido à recessão econômica mundial. Estes países foram forçados a pedir empréstimos ao Fundo Monetário Internacional (FMI) e ao Banco Internacional para a Reconstrução e Desenvolvimento (BIRD) e por isso tiveram de submeter-se à liberalização econômica em nome do Plano de Ajuste Estrutural. Consequen-

temente, o Plano de Ajuste Estrutural (PAE) requeria cortes profundos nas despesas públicas e na liberação de funcionários públicos. Reduções drásticas nos orçamentos públicos deixaram muitas pessoas em dificuldades financeiras severas (Ellis 2009, 13). Somado a isso, muitos dos desempregados clamavam por suas raízes religiosas clássicas. Nesta direção, a maioria dos grupos terroristas que possuía ligações com o Maghreb e a África Norte Árabe criaram seus próprios grupos. A nova leva de grupos terroristas era formada pela população jovem local da África Ocidental. Portanto, estes grupos na sub-região podiam facilmente fraternizar com aquelas no Norte e Leste da África. Os atores ou *key players* haviam mudado. A próxima seção examina a emergência dos grupos terroristas no século XXI.

A Emergência de Grupos Terroristas no Século XXI

Grupos terroristas na África Ocidental são muitos e possuem um grande objetivo central. Estes incluem: Boko Haram, que opera principalmente na parte Norte da Nigéria e de Camarões, no Níger, Chade e na ponta Norte da República Centro Africana; AQIM, que age no Norte do Mali e na Mauritânia; o Movimento para Unidade e Jihad na África Ocidental (MUJAO) e o Janjawee no Sudão do Sul. Estes grupos terroristas têm como objetivo central afastar a civilização ocidental. Assim, sua principal agenda é trazer de volta o Islã clássico que existiu na região desde o século X. Como argumento em outros trabalhos, (Nkwi 2013), a meta deles é atingir este objetivo atacando instalações ocidentais, sequestrando turistas ocidentais, bombardeando embaixadas ocidentais e atacando aqueles que se colocam em seu caminho.

Sua ligação com o Islã clássico requer maior esclarecimento. Por Islã clássico, quero dizer o Islão que foi estabelecido na África Ocidental bem antes dos jihads de Usman Dan Fodio. A história pré-colonial da África Ocidental nos ensina que já em 1066 A.C o Islã estava bem implantado na região. Também nos ensina que os Impérios do Sudão Ocidental sobreviveram através do Islã (Ajayi e Espie 1969). A Islamização do Norte da Nigéria no início do século XIX se deu por meio das guerras religiosas que na verdade foram apenas políticas. Usman Dan Fodio, que liderou tais guerras, acabou por erguer o famoso Califado Sokoto que ocupou a larga área do Sahel estendendo-se de Sokoto, através por Yola até Adamawa (Ajayi e Crowder 1971). Uma análise mais de perto dos grupos terroristas atuais sugere que a maioria de seus líderes ainda acha relevante estimular o Islão clássico nestas áreas. Portanto, seu objetivo é acabar com a ocidentalização devido à forte crença de que essa adulterou o Islão clássico. Se isto é correto ou não permanece uma questão conjectural.

Há uma variedade de literatura sobre o Boko Haram. O grupo afirma que surgiu para purificar o Islão, conforme os jihads de Usman Dan Fodio no século XIX. Desde o começo do século XXI, quando as atividades do Boko Haram tornaram-se mais visíveis na Nigéria, pesquisadores, acadêmicos, jornalistas e outros passaram a ter um forte interesse no grupo e suas conclusões foram tão variadas quanto suas metodologias e antecedentes. Loimeier (2012) fornece um antecedente histórico dando atenção ao movimento de reformas no Islão, o Yan Izala. Os últimos (2007, 2009 e 2011) tentaram fornecer uma explicação histórica. Outros definiram e defenderam que o Boko Haram é um grupo terrorista (ver Popoola 2012, 43-66; Omitola 2012; Onapajo 2012, 337-357; Musa 2012; Soyinka 2012; Ojo 2011, 45-62; Maiangwa *et al.* 2012, 40-57; Barrett 2012, 719-736; Bagaji 2012, 33-41). Não obstante, outros fizeram a questão, o que é o Boko Haram (Rogers 2012; Adibe 2012; Adesoji 2010; Akokegh 2012; Cook 2011; Mantzikos 2010). Ainda, houve quem se concentrasse em examinar os atuais acontecimentos a cerca do Boko Haram e a violência no sul da Nigéria. Watts (2009) oferece um nexos entre os eventos no norte e no delta rico em petróleo do Sudeste da Nigéria, enquanto que Walker (2012) oferece uma conexão interessante entre o Boko Haram real e o imaginado. Onuoha 2010; Ifeka 2010; Danjibo 2009; Adesoji 2010 são outros acadêmicos que pertencem a esta escola. Ainda, outros tentaram descrever o Boko Haram como tendo relações com o al-Shabab na Somália (Cook 2011; Akokegh 2012, 46-55). Alguns dos trabalhos permanecerem no máximo projetos limitados em escopo. Eu pesquisei as ramificações do Boko Haram na África Central e Ocidental de uma perspectiva histórica e contemporânea (Nkwi 2013).

Como demonstrei em outro trabalho (Nkwi 2013), as origens históricas do Boko Haram têm sido analisadas por muitas escolas (Pham 2011; Pham 2012; Elkaim 2012; Marchal 2012; Rogers 2012; Aghedo e Osumah 2012; Musa 2013). É desnecessário repetir aqui as raízes históricas do grupo, mas sim examinar suas atividades como grupo terrorista na África Ocidental. Boko Haram começou como um grupo terrorista nacional com suas primeiras atividades terroristas, deveras insignificantes, em 2010. Em dezembro daquele ano, o grupo atacou a prisão Bauchi, onde permitiu que os prisioneiros escapassem, e lançou ataques a Abuja. Entre 22 de abril e dezembro de 2011, dez ataques foram realizados na maior parte do norte e centro da Nigéria. Assim também ocorreu entre 5-6 de janeiro e 11 de outubro de 2012 (Nkwi 2013).

O próximo grupo terrorista foi o AQIM, que focou suas atividades principalmente no Norte do Mali. Este grupo é derivado do braço nigeriano do Grupo Salafista para Pregação e Combate (GSPC). É amplamente defendido que este grupo fez sua primeira aparição no norte do Mali em 2003. De lá, fra-

ternizou com a população local através de casamentos e da proteção de rotas contrabandistas, além da pregação do Islã clássico. O nome AQIM foi usado pela primeira vez em 2007, mas suas origens podem ser traçadas sem dúvida à Argélia em 1992. Onuoha (2013, 85) afirma que o grupo era um filiado ao Exército Islâmico de Salvação (EIS). AQIM forneceu auxílio a outros grupos terroristas menores na sub-região providenciando logística. Foi responsável por operações memoráveis na Mauritânia desde 2005, sequestrando e assassinando turistas ocidentais, trabalhadores pagos da ONU e até mesmo soldados mauritanos. Em 2009, AQIM admitiu estar por trás do sequestro e assassinato de um cidadão norte-americano na capital da Mauritânia, Nouakchott. Desde então tornou-se uma ameaça aos cidadãos ocidentais. Por exemplo, um cidadão francês no sudoeste do Mali, perto da fronteira com a Mauritânia foi sequestrado em 2012. Para fortalecer ainda mais as atividades do AQIM na Mauritânia, um suicida bombardeou quartéis militares em 2010 e atacou uma base militar em Bassiknou no sudeste da Mauritânia em 2011.

Eventos políticos andaram lado a lado, e muitas vezes trabalhando em conjunto com, o terrorismo nos países da África Ocidental. O Mali novamente é um caso a se apontar. Em 2011, o extinto governo de Ahmadou Toumani foi derrubado por um golpe pelo Capitão Amadou Sanogo em 22 de março de 2012. Um vácuo foi criado, que foi preenchido pelo Movimento Nacional Tuareg para a Liberação de Azauade (MNLA), o qual foi apoiado por forças islâmicas junto de AQIM e MUJAO. MUJAO definiu seus objetivos que consistiam principalmente em espalhar o Islã pela África Ocidental e conectou suas ideologias filosóficas a ícones islâmicos como Osama Bin Laden e o clérigo Talibã Mullar Omar. O que chamava atenção era o fato de colocar maior ênfase nos líderes do Islã do século XVIII como Usman dan Fodio, Cheikh Ahmadou e el Hadj Umar (Okpi 2013, 2-3). Após definir seus objetivos, MUJAO partiu para tomar dois terços do país. O grupo tornou-se ativo no Mali e suas operações ultrapassaram as fronteiras do país ao norte, onde levou adiante ataques a Konna. Seu *modus operandi* alcançou pontos como Argélia onde, em abril de 2012, abduziu sete diplomatas argelinos em Gao, Mali, e no mês seguinte atacaram a base *Gendamerie Nationale* em Tamanrasset, Argélia. As atividades terroristas não têm ocorrido *ad infinitum*. Organizações internacionais e regionais tentaram combater tais grupos terroristas. Nossa atenção se volta para isto.

Combatendo o Terrorismo na África Ocidental

As atividades de grupos terroristas na África Ocidental encontram forte resistência de organizações internacionais e de governos dos países que eram por elas ameaçados. As organizações internacionais incluem: Comunidade Econômica dos Estados da África Ocidental (CEDEAO), que foi responsável por uma das maiores contribuições nesta direção. Há também a Comissão da Bacia do Lago Chade.

CEDEAO: a história

Esta seção foca na CEDEAO, uma das maiores organizações regionais, que se originou das antigas colônias britânicas e francesas na África Ocidental. Uma das características que distingue o ambiente político da África decorre de seus vários e prolongados conflitos políticos, e da permanência de tentativas de resolver o terrorismo para que a segurança, paz e desenvolvimento possam ser estabelecidos na região. Tais conflitos não operam isoladamente, de modo que seus efeitos transbordam, o que faz sempre imperativo que as organizações nacionais e transnacionais busquem maneiras e meios de conter as atividades.

Para os leitores que não sejam familiares com a política da África Ocidental no período pós-independência e com blocos econômicos, será relevante recapitular uma breve história da CEDEAO. A CEDEAO foi formada em 28 de maio de 1975 em Lagos, Nigéria. Haia quinze membros inicialmente, que incluíam, entre outros: Benin, Costa do Marfim, Gâmbia, Guiné, Guiné-Bissau, Burkina Faso, Libéria, Mali, Mauritânia, Níger, Nigéria, Senegal, Serra Leoa, São Tomé e Príncipe. Cabo Verde posteriormente juntou-se ao grupo, tornando-se o décimo sexto membro. O principal objetivo para a organização era estabelecer e promover o desenvolvimento da região através da cooperação econômica, social e cultural. O quartel general da CEDEAO é em Lagos, enquanto que a base é em Lomé, a capital do Togo (Onuoha 2013, 85).

A organização tem as seguintes metas: eliminar impostos sobre as importações de países membros; remover restrições quantitativas e administrativas no comércio entre países membros; estabelecer tarifas externas comuns; remover restrições ao movimento livre de capital, pessoas, e serviços entre os membros; harmonizar as políticas agrônômicas e promover projetos comuns; harmonizar as políticas econômicas, sociais e culturais; criar um fundo para cooperação, compensação e desenvolvimento e estimular uma política comum, e o desenvolvimento de sistemas de transporte, comunicação, energia e infraestrutura. Estes objetivos não permaneceram estáticos. Foram constantemente revisados pelos Estados membros. Durante a crise que afetou a Libéria e Serra Leoa nos anos 1990, a organização incorporou mais um a

seus objetivos, que incluía intervir em países membros durante períodos de conflito e crise (Ellis 2009). Foi também durante tais crises que a CEDEAO formou um setor militar, conhecido como ECOMOG. Isto porque os países da CEDEAO sentiram os efeitos da guerra civil em um grau muito maior que os países fora da região. Em resposta tanto à instabilidade regional quanto ao grande fluxo de refugiados, CEDEAO criou o Grupo de Monitoramento da Paz (ECOMOG – ECOWAS Monitoring Group), uma força cujo objetivo era solucionar o conflito, restaurando a ordem e estabelecendo um governo democraticamente eleito (O’Neill 1993). A força da ECOMOG foi o primeiro corpo sub-regional africano de *peacekeeping* a intervir em outro Estado. A CEDEAO, desde a crise do Boko Haram, intervém em diversas maneiras para terminar com a insurgência e conceder à Nigéria a estabilidade merecida.

Condenação e Resolução em Encontros sobre Atividades Terroristas

Em um espectro mais amplo, a CEDEAO adaptou diversos mecanismos, bem como instrumentos. Alguns destes instrumentos objetivavam a supressão coletiva destes desafios, e incluem o protocolo de Não-Agressão e o de Assistência Mútua em Defesa, que entraram em vigor em 1978 e 1981, respectivamente. Em 1999, a CEDEAO também adotou o Protocolo Relacionado ao Mecanismo para Prevenção, Gestão, Resolução, *Peacekeeping* e Segurança de Conflitos (Bolaji 2010; CEDEAO 2013). Isto foi feito a fim de atingir maior eficácia na abordagem da organização às atividades terroristas na região. Depois de três anos (2011), a CEDEAO adotou o Protocolo sobre Democracia e Boa Governança para garantir o desenvolvimento da lei e a consolidação da democracia (Onuoha 2013, 107). O que pareceu de fato crucial, recentemente, foi a adoção pela CEDEAO da Declaração Política e Posição Comum contra o Terrorismo. Tal declaração providenciou uma Estratégia Contra-Terrorismo regional e um Plano de Implementação para auxiliar os Estados-membros a combater o terrorismo. Além disso, tal estratégia também visava suavizar o progresso da implementação de instrumentos regionais, continentais e internacionais de combate ao terrorismo. Proporcionava uma estrutura operacional comum para ações de amplo alcance na comunidade para prevenir e exterminar qualquer ato relacionado ao terrorismo (Onuoha 2013, 108; Bolaji 2010).

CEDEAO esforçou-se para conseguir controlar algumas atividades terroristas, especialmente o Boko Haram. Em uma quarta-feira, 24 de fevereiro de 2014, durante as atividades do Boko Haram em universidades, o grupo atacou e matou cerca de 50 estudantes na Universidade do Governo Federal

Buni Yadi, no estado Yobe (Forest 2012; Act 2011). A CEDEAO rapidamente reuniu-se em Abuja, a capital federal da Nigéria, e através de sua comissão, condenou fortemente o ataque pelo grupo terrorista armado. Ademais, em nome das Instituições da Comunidade, o Presidente da Comissão, Sua Excelência Désiré Kadré Ouédraogo mostrou profunda preocupação e expressou suas sinceras condolências ao Presidente da Nigéria, Sua Excelência Presidente Dr. Goodluck Ebele Jonathan, ao Governo e ao Povo da Nigéria, bem como às famílias enlutadas (Forest 2011).

A CEDEAO montou uma comissão temporária conhecida como Comissão Abuja. A primeira coisa que a comissão fez foi assegurar ao Governo e ao bom povo da Nigéria que a comunidade inteira permanecia solidamente com eles naquele momento de luto e de esforços coletivos para livrar o país e a região do terrorismo, um verme perigoso que não havia poupado nenhuma parte do globo (Nkwi 2013). Além disso, afirmou que o último ataque terrorista havia sido um alerta, não apenas para as autoridades nigerianas, mas para todo Estado-membro, bem como para a comunidade de cidadãos, para que permanecessem vigilantes e, mais importante, para cooperarem com todas as agências relevantes na batalha contra o terrorismo, não somente na Nigéria, mas em toda África Ocidental. A Comissão também reafirmou seu compromisso e determinação em colaborar com todos os Estados-membros e seus parceiros na luta para tornar a região livre do terrorismo, e promover o ambiente necessário para a paz e a segurança em direção do objetivo maior da integração regional e desenvolvimento, portanto mantendo os Estados dentro dos limites da estabilidade política. Os membros da CEDEAO encontram-se ainda na Costa do Marfim, em junho, para reafirmar seu compromisso e responsabilidade em manter a Nigéria estável e fora do caos do Boko Haram (Nkwi 2013).

Assim, em Yamoussoukro, na Costa do Marfim, a CEDEAO incitou os Estados-membros e a comunidade internacional a assistir à Nigéria em seus esforços para combater o Boko Haram. Os líderes do bloco de quinze países condenaram fortemente a agressão terrorista perpetrada pela seita, e direcionaram a Comissão da CEDEAO a participar nos esforços para conter a agressão terrorista (Bolaji 2010, 207-222). Os membros da CEDEAO também lembraram a si mesmos que o Boko Haram, que significava “educação ocidental é pecado” na língua Hausa local, havia matado 1.200 desde 2009, quando lançou sua campanha mais violenta impondo a lei Islâmica da Shariá no norte predominantemente muçulmano, entre outros objetivos (Musa 2013, 234-260). Os ataques de terror pela seita continuaram, apesar dos esforços do governo nigeriano, incluindo o envio de tropas à região afetada e a imposição de estado de emergência nas regiões mais atingidas. O mês ante-

rior foi de ataques a igrejas no norte do estado de Kaduna, o que por sua vez desencadeou ataques em represália por cristãos, e levantou o espectro de uma guerra religiosa no Estado mais populoso da África, dividido quase igualmente entre muçulmanos e cristãos.

O Comitê dos Chefes do Estado-Maior de Defesa se Pronuncia

O Comitê dos Chefes do Estado-Maior de Defesa (em inglês, CCDS) da Comunidade Econômica dos Estados da África Ocidental não estava inativo. Os Estados-membros se encontraram em Abuja de 18 a 19 de junho de 2013, com a insurgência do Boko Haram no nordeste da Nigéria dominando a agenda e as discussões (Yoroms 2007). A seita Boko Haram, desde o assassinato de seu líder sob custódia da polícia, tem detonado explosivos em diversos locais, incluindo o quartel-general e o prédio da ONU em Abuja. O Chefe do Estado-Maior de Defesa, Marechal das Forças Aéreas Oluseyi Petinrin afirmou que a reunião tornou-se necessária devido ao recrudescimento nos atos de terror em alguns países, incluindo a Nigéria. A reunião visava proferir soluções duradouras para os ataques terroristas e crimes relacionados. Ele afirmou que ameaças à segurança nacional e à paz regional na África Ocidental eram profundamente enraizadas em fatores sociais, políticos e econômicos. “Partindo disso, nossas deliberações irão tentar vigorosamente tratar de questões securitárias, a fim de não apenas reverter consequências negativas de tais ameaças, mas também promover prospecções de desenvolvimento socioeconômico e político.” (Igbe e Ndahi 2014, 2160). Ele disse que chefes navais de todos os países-membros estavam presentes na reunião para deliberar o aumento na pirataria no Golfo da Guiné, assim como a proliferação de armas de pequeno porte na região. O Comissário para Assuntos Políticos e de Paz da CEDEAO, Mahamane Toure, afirmou que a reunião receberia relatórios dos Chefes de Defesa da Nigéria e do Níger sobre o desenvolvimento relacionado à ameaça direta aos Estados-membros da região do Sahel-Sahara devido aos ataques renovados do AQIM e Boko Haram e aos impactos da crise na Líbia na região (Igbe e Ndahi 2014). Os membros da Comissão da Bacia do Lago Chade não foram lentos no processo.

A Comissão da Bacia do Lago Chade e o Terrorismo

Em paralelo direto à CEDEAO está a Comissão da Bacia do Lago Chade. A menos que assim citado, toda a informação obtida aqui como antecedente do Lago Chade foi retirada de Mahamadou (2007, 28). Em termos de escopo e potencial financeiro, a Comissão não é páreo para a CEDEAO. Entretanto, será relevante ter uma ideia sobre a curta história da Comissão da Bacia do Lago Chade antes de explicar seu papel na crise do Boko Haram. Comissão da Bacia do Lago Chade (CBLC, em inglês LCBC e francês CBLT) é uma organização intergovernamental dos países próximos do Lago Chade, que coordena ações que podem afetar as águas do lago. O secretariado da organização localiza-se em N'Djamena, Chade. A CBLC é a mais antiga organização africana para rios ou bacias lacustres. Em seu documento de fundação (a Convenção e Estatutos relacionados ao Desenvolvimento da Bacia do Chade), as partes se comprometem ao uso compartilhado dos recursos naturais da bacia. A Comissão é um membro da Rede Internacional das Organismos de Bacias (RIOB).

A filiação e financiamento são muito relevantes para nós. Hidrologicamente, a Bacia do Chade (da qual nem toda alimenta o Lago Chade) inclui oito países, que seguem em ordem decrescente de área: Chade, Níger, República Centro Africana, Nigéria, Sudão, Argélia e Líbia. Entre estes países, Camarões, Níger, Nigéria e Chade (os quatro países contem diretamente partes do Lago Chade em seu território) assinaram a Convenção de Fort Lamy (hoje N'Djamena) em 22 de maio de 1964, a qual criou Comissão da Bacia do Lago Chade. A República Centro Africana entrou no grupo em 1996, e a Líbia em 2008. Sudão foi admitido em julho de 2000, mas possui status de observador porque não ratificou a convenção fundadora. Argélia não participou.

As atividades da comissão são muitas e variadas. As atividades estão enquadradas no Planejamento Estratégico da CBLC, que coordena as atividades locais entre os Estados-membros. A CBLC controla as regiões hidroativas na Bacia do Chade chamada de *Bacia Convencional*. A Bacia inicial consistia em aproximadamente 427,500 km² da área total da Bacia do Chade em 1964. A definição diz que excluía a maioria da depressão terminal que consistia em deserto, que fornecia pouca ou nenhuma contribuição hidrológica efetiva para a Bacia. Isto foi subsequentemente expandido para incluir caminhos de água adicionais no norte da Nigéria, sul do Chade e Repúblicas do Norte, com uma área total de 967,000 km² (Carvenka 1969). Uma das áreas mais populares na qual a Bacia do Lago Chade havia combatido o terrorismo na sub-região está sob o Boko Haram.

A Bacia do Lago Chade e Boko Haram

Falando no fórum da organização, em 30 de abril de 2012, o Presidente do Chade, Idriss Deby imediatamente propôs montar uma força tarefa para combater o movimento Islâmico extremista, Boko Haram. O presidente fez a proposta em Libreville, Gabão, de abrir uma reunião anual da Comissão da Bacia do Lago Chade (CBLC) (Nkwi, 2013) “Agora é o tempo de agir, e nós devemos decidir hoje”, disse o Presidente. A CBLC foi criada para monitorar a conservação do Lago Chade e sua bacia, e é composta por 16 países, incluindo a Nigéria. “Nossa bacia”, disse Deby, “está exposta à insegurança por causa da ameaça permanente do Boko Haram. Se não os erradicarmos, não seremos capazes de salvar nosso Lago Chade.” (Mc Elroy 2013). Entre aqueles presidentes que assinaram a ideia, estava François Bozize, Presidente da República Centro Africana, que ofereceu fornecer tropas para o contingente multinacional.

Com todas as reuniões e comissões voltadas para conter o Boko Haram, ainda é de se questionar por que não foi alcançado muito para acabar com a insurgência. Talvez com diferentes culturas e tradições de passados coloniais, estas organizações divirjam entre como acham que poderiam resolver o problema. CEDEAO, por exemplo, é um bloco que conta com países de antecedentes francófonos, anglófilos e lusófonos. A Comissão do Lago Chade é outra que conta com membros tão distantes quanto do Maghreb. Isso sugere que não muito podia ser feito. Acima de tudo, disputas internas da maioria desses países têm sido também um obstáculo, que não lhes permitam traduzir eficazmente o sua retórica em ações concretas. Há pouca convicção de que países como Mali ou a República Centro Africana fossem intervir na Nigéria, quando ambos são países com problemas internos. Intervir nas questões internacionais de outros Estados requer recursos financeiros e, na maioria do tempo, a maior parte dos Estados-membros não está disposta a votar por orçamentos para tais efeitos. A abdução de meninas adolescentes em um internato estava para ser um dos eventos que testariam a comunidade internacional em monitorar o Boko Haram e, também, de trazer o grupo para os holofotes da comunidade internacional. Mas em que medida foi bem sucedida a condenação internacional do ato para manter o Boko Haram sob controle? A Nigéria propriamente não tornou a situação melhor. O governo nigeriano opôs-se a qualquer potência regional interferindo em suas políticas internas para conter o Boko Harm. A oposição do governo à interferência de potências regionais apenas incentivou um aumento nas atrocidades do Boko Haram. Quando a situação tornou-se tão crítica com o Boko Haram atacando os vizinhos do país, a Nigéria concordou com uma Força Tarefa Conjunta Multinacional (FTCM) (Theroux-Benoni 2015). Após a autorização da União Africana, a FTCM foi requisitada pelos Estados membros da Comissão da Ba-

cia do Lago Chade (CBLC) – Camarões, Chade, Níger e Nigéria, assim como por um Estado não-membro, Benin, após uma reunião ministerial em 20 de janeiro de 2015 em Niamey, Níger. A conferência planejada para desenvolver os conceitos operacionais da FTCM ocorreu em Yaoundé, Camarões, na semana de 5 a 7 de fevereiro (Theroux-Benoni 2015). No início de setembro de 2015, a FTCM entrou em operação. Ainda é muito cedo, contudo, para julgar a extensão de seu sucesso.

Conclusão

O terrorismo não é um fenômeno novo na África Ocidental. Suas raízes são mais profundas do que a literatura retratou. Pesquisadores e acadêmicos concentraram-se no terrorismo no período contemporâneo. Por período contemporâneo, quero dizer o período desde 2001, no qual o World Trade Center foi bombardeado nos Estados Unidos. Desde então, não há ganhos em se afirmar que a atividade terrorista aumentou exponencialmente na África Ocidental. A civilização ocidental passou a abominar estes grupos terroristas.

Este artigo refletiu a maneira convencional pela qual o terrorismo foi tratado na extensa literatura, e buscou romper com o convencional ao defender que, para um melhor entendimento do terrorismo na região, é preciso uma perspectiva histórica mais profunda. Ainda, acrescentou substancialmente, ao argumentar que a África Ocidental não é só um bastião de atividades terroristas, mas também foi vítima do terrorismo desde os dias do tráfico de escravos. Para alcançar isto, esta pesquisa defendeu que para uma compreensão mais complexa e profunda do terrorismo, é necessária uma perspectiva histórica completa, e portanto, mudanças e continuidades que ocorreram na região em tempo e espaço precisam ser galvanizadas e conclusões significativas feitas. O artigo mostrou, ademais, como organizações tentaram combater o terrorismo. Não importa a maneira que olhássemos as atividades terroristas na região, não há dúvidas que trouxeram um impacto muito negativo aos esforços desenvolvimentistas na região.

REFERÊNCIAS

- Abderrahmane, Abdelkader. 2012. *Drug Trafficking and the Crisis in Mali*. Pretoria South Africa: Institute for Security Studies.
- Aderinto, Saheed. 2007. "The Girls in Moral Danger: Child Prostitution and Sexuality in Colonial Lagos, Nigeria, 1930s-1950." *Journal of Humanities and Social Sciences* 1 (2): 1-22.

- _____. 2010. "Sexualised Nationalism: Lagos and the politics of illicit sexuality in Colonial Nigeria, 1918-1958." Tese de Doutorado, University of Texas.
- _____. 2012. "Of Gender, Race, and Class: The Politics of Prostitution in Colonial Lagos, Nigeria, 1923-1958." *Frontiers: A Journal of Women's Studies* 33 (3): 71-92.
- Adesoji, A. 2010. "The Boko Haram Uprising and Islamic Revivalism in Nigeria." *Africa Spectrum* 45 (2): 95-108.
- _____. 2011. "Between Maitatsine and Boko Haram: Islamic Fundamentalism and the Response of the Nigerian State." *Africa Today* 57 (4): 98-119.
- Adibe, J. 2012. "Boko Haram: One Sect, Conflicting Narratives." *African Renaissance* 9 (1): 47-64.
- Aghedo, I. e Osumah, O. 2012. "The Boko Haram Uprising: How Should Nigeria Respond?" *Third World Quarterly* 33 (21): 853-69.
- Ajayi, A de Jacob Francis, e Espie, I. 1969. *A Thousand years of West African History*. Ibadan, History: Ibadan University Press.
- Ajayi, A de Jacob Francis, e Michael Crowder. 1971. *History of West Africa Vol.1*. London: Oxford University Press.
- Akokegh, A. F. 2012. "Boko Haran: A 21st Century Challenge in Nigeria." *European Scientific Journal* 8 (21): 46-55.
- Akyeampong, Emmanuel. 2005. "Diaspora and Drug Trafficking in West Africa: A case Study of Ghana." *African Affairs* 104 (416): 431-443.
- Allman, Jean Marie. 1991 "Hewers of Wood, Carriers of Water: Islam, Class, and Politics on the Eve of Ghana's Independence." *African Studies Review* 34/2: 234-300.
- Annan, Kofi. 2012. *Save West Africa from the Drugs Barons*. Janeiro. <http://www.kofiannanfoundation.org/in-the-news/save-west-africa-from-the-drugs-barons/>
- Austen, R.A., e Derrick, J. 1999. *Middlemen of the Cameroons Rivers: The Douala and their Hinterlands, c.1600-c.1960*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Bagaji, A. S. Y. 2012. "Boko Haram and the Recurring Bomb Attacks in Nigeria: Attempt to Impose." *Cross-Cultural Communication* 8 (1): 33-41.
- Barrera, Giulia. 1996. *Dangerous Liaisons: Colonial Concubinage in Eritrea, 1890-1941*. Evanston: Program of African Studies, Northwestern University.

- Barrett, R. 2012. "Terrorism Finance: Preventing the Financing of Terrorism." *Case Western Reserve Journal of International Law* 44 (3): 719-36.
- Bolaji, K. 2010. "Preventing Terrorism in West Africa: Good Governance or Collective Security?" *Journal of Sustainable Development in Africa* 12 (1): 207-222.
- Brown, David E. 2013. *The Challenge of Drug Trafficking to the Democratic Governance and Human Security in West Africa*. Carlisle: US Army War College Press.
- Brown-Taylor, J. 2002. *More than one chance: Young people involved in prostitution speak out*. London: ECPAT.
- Champin, Christoph. 2011. "Le Continent Afrique Toujours prise par les trafiquants de Cocaine selon: Organ International de control de stupefiants." RFI Blog Afrique Drogue.
- Cook, D. 2011. "Boko Haram: A Prognosis." James A. Baker III Institute for Public Policy, Rice University.
- Curtin, Philip. 1969. *The Atlantic Slave Trade: a Census*. Madison, CA: University of Wisconsin Press.
- Danjibo, N.D. 2009. "Islamic Fundamentalism and Sectarian Violence: The Maitatsine and Boko Haram Crises in Northern Nigeria." In *Proceedings of the 2009 IFRA Nigeria Conference in Zaria*, editado por Clément Boutillier.
- De Andres, Amado Philip. 2008. "West Africa Under Attack: Drugs Organized Crime and Terrorism as the New Threats to Global Security." Madrid: Research Unit on International Security and Cooperation (UNISCI)
- Einstein, Dianne. 2012. "Drug Trafficking in West Africa." Washington DC: Senate Caucus on International Narcotics Control.
- Elkaim, Z. 2012. *Boko Haram: The Rise, Success and Continued Efficacy of Insurgency in Nigeria*. ICT Working paper Series.
- Eltis, D. 1983. "Free and coerced transatlantic migrations: some comparisons." *American Historical Review* 88 (2): 251-280.
- _____. 1987. *Economic Growth and the Ending of the Transatlantic Slave Trade*. New York: Oxford.
- Eltis, D., e James Walvin. 1981. *The Abolition of the Atlantic Slave Trade*. Madison: The University of Wisconsin Press.
- Eltis, D., e Lawrence C. Jennings. 1989. "Trade between western Africa and the Atlantic world in the pre-colonial era." *American Historical Review* 93 (4): 936-59.

- Ellis, S. 2009. "West Africa's International Drug Trade." *African Affairs* 108 (43): 171-196.
- Fage, J.D. 1969. "Slavery and Slave Trade in the Context of West African History." *The Journal of African History* 10 (3): 393-404.
- Gilfoyle, T. J. 1999. "Prostitutes in History: From Parables of Pornography to Metaphors of Modernity." *American Historical Review* 104: 117-141.
- Grassley, C. 2012. "Drug Trafficking in West Africa." Washington DC: Senate Caucus on International Narcotics Control.
- Harrigan, T. 2012. "Countering Narcotics Threats in West Africa." Statement for the Record. Washington, DC: Senate Caucus on International Narcotics Control.
- Hebab-Brown, V. 2010. "The West African Drug in Context of the Regions Illicit Economies and Poor Governance." Apresentação para Conferência on Drug Trafficking in West Africa. Arlington, VA.
- Hoffman, B. 1998. *Inside Terrorism*. New York: Colombia University Press.
- _____. 2006. *Inside terrorism*. Edition 2. Columbia: Columbia University Press.
- Ifeka, C. 2010. "War on Terror: Africom, the Kleptocratic State and Under-Class Militancy in West African-Nigeria." *Concerned Africa Scholars* 85.
- Igbe, I-O., e Inusa Ndahi. 2014. "Boko Haram enjoys foreign support-Army." *National Mirror*.
- Iliffe, J. 1995. *Africans: The History of a Continent*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Inikori, J.E. 1992 "Africa in World History: the export slave trade from Africa and the emergence of the Atlantic economic order." In *General History of Africa, Vol. V: Africa from the Sixteenth to the Eighteenth Century*, editado por B.A. Ogot. Heinemann/California/UNESCO: University of California Press
- Klein, M.A., ed. 1993. *Breaking the Chains: Slavery, Bondage and Emancipation in Modern Africa and Asia*. Madison: University of Wisconsin Press.
- Last, M. 1977. *The Sokoto Caliphate*. London: Longman
- _____. 2007. "Muslims and Christians in Nigeria: An Economy of Political Panic." *The Round Table* 96 (392): 605-616.
- _____. 2009. "The Pattern of Dissent: *Boko Haram* in Nigeria 2009." *Annual Review of Islam in Africa* 10: 7-11.
- _____. 2011. "Northern Nigerian Militancy: Who and What are Boko Ha-

- rem." *African Arguments* July 15.
- Limoncelli, Stephanie A. 2006. "The Politics of Humanitarianism: States, Reformers and the International Movement to combat the traffic in Women, 1875-1960." Tese de Doutorado, University of California.
- Lloyd, P.C. 1967. *African in Social Change: Changing Traditional Societies in the Modern World*. London: Penguin Books.
- Maiangwa, B., Ufo Okeke Uzodike, Ayo Whetho, e Hakeem Onapajo. 2012. "Baptism by Fire: Boko Haram and the reign of Terror in Nigeria." *Africa Today* 59 (2): 40-57.
- Mann, K. 2007. *Slavery and the Birth of an African City, Lagos, 1760-1900*. Bloomington/Indianapolis: Indiana University Press.
- Mantzikos, I. 2010. "The Absence of the State in Northern Nigeria: The Case of Boko Haram." *African Renaissance* 7 (1): 57-62.
- Musa, A. O. 2012. "Socio-Economic Incentives: NewMedia and the Boko Haram Campaign of Violence in Northern Nigeria." *Journal of African Media Studies* 4 (1).
- Mveng, E. 1985. *Histoire du Cameroun* Yaounde. Cameroon: CEPER.
- Nkrumah, Kwame. 1963. *Africa Must Unite*, New York: Frderick A. Praeger.
- Nkwi, W.G. 2013. "One finger dip in palm oil soils the others: The activities and consequences of Boko Haram in Central and West Africa (Cameroon, Niger and Chad)." *African Journal for the Prevention and Combating Terrorism* 4 (1): 41-63.
- . 2013. "Too much to carry: The perception and ramifications of Boko Haram's Activities on Cameroon." *Conflict Studies Quarterly* 5: 67-87.
- O'Regan, P. 2010. "Cocaine and Instability in Africa: Lessons from Latin America and the Caribbean." *Africa Security Brief*. Washington DC: Africa Center for Security Studies.
- Obi, C. 2006. "Terrorism in West Africa: real, emerging or imagine threats." *Africa Security Review* 15 (3): 87-101.
- Ojo, E. O. 2010. "Boko Haram: Nigeria's extra-Judicial State." *Journal of Sustainable Development in Africa* 12 (2): 45-62.
- Okpi, A. 2013. "The rising West African *al-Qaeda*." *The Punch* 26 May.
- Omitola, B. 2012. "Terrorism and the Nigerian Federation: The Challenges of Disintegration in the Fourth Republic." *African Security Review* 21 (4): 4-16.
- Omuoha, F. C. 2013. "Terrorism and Transnational Organized Crimes in West Africa: Regional Expose." *African Journal for the Prevention and*

Combating of Terrorism 4 (1): 67-119.

- Onapajo, H., e Uzodike, U. O. 2012. "Boko Haram Terrorism in Nigeria: Man, the State and the International System." *African Security Review* 21 (3).
- Onuoha, F. C. 2010. "The Islamist Challenge: Nigeria's Boko Haram Crisis Explained." *African Security Review* 19 (2): 54-67.
- OUA. 1999. *Convention on the Prevention and Combating of Terrorism*. <https://treaties.un.org/doc/db/Terrorism/OAU-english.pdf>
- Parker, J. 2000. *Making the Town: State and Society in early colonial Accra*. Oxford: James Currey.
- Pham, J.P. 2011. "The Dangerous Pragmatism of Al-Queda in the Islamic Maghreb." *Journal of the Middle East and Africa* 2 (1): 15-29.
- _____. 2012. "Boko Haram's Evolving Threat." *African Security Brief* 20.
- Popoola, I. S. 2012. "Press and Terroeism in Nigeria: A Discourse on Boko Haram." *Global Media Journal African Edition* 6 (1): 43-66.
- Rapoport, David C. 2004. "Modern Terror: The Four Waves." In *Attacking Terrorism: Elements of a Grand Strategy*, editado por Audrey Cronin and J. Ludes. Washington D.C.: Georgetown University Press.
- Reyskens, Marina. 2012. "Drug Economy: Africa and the International Illicit Drug Trade." *Defence Web*.
- Rodney, W. 1974. *How Europe Underdeveloped Africa*. Washington D.C.: University of Howard Press.
- Rogers. 2012. "Nigeria: The Generic context of the Boko Haram Violence." *Oxford Research Group* briefing.
- Schmid, A. P. 2011. *The Routledge Handbook of Terrorism Research*. London: Routledge.
- Spaulding, J., e Beswick, S. 1995. "Sex, Bondage and the Market: The Emergence of Prostitution in Northern Sudan, 1750-1950." *Journal of the History of Sexuality* 5: 512-534.
- Theroux-Benoni, e Lori-Anne. 2015. "A Regional Multinational Joint Task Force to Combat Boko Haram." Acesso em 15 de outubro de 2015. <http://pncp.net/news/regional-multinational-joint-task-force-combat-boko-haram>.
- Toros, H. 2008. "We don't Negotiate with Terrorists! Legitimacy and Complexity in Terrorist Conflicts." *Security Dialogue* 39 (4): 407-426.
- Wardlaw, G. 1982. *Political Terrorism: Theory Tactics and Counter-Measures*. London: Cambridge University Press.
- Warren, C. 2012. "Terrorism in West Africa: The Anarchy That Hasn't Come."

Africa arguments org. Acesso em 30 de setembro de 2014.

- White, L. 1990. *The Comforts of Home: Prostitution in Colonial Nairobi*. Chicago: University of Chicago Press, 1990.
- Williams, P., e Jurgen H. 2013. "Security Culture Transnational Challenges and the Economic Community of West African States." *Journal of Contemporary African Studies* 34 (123): 123-145.
- Williamson, M. 2009. *Terrorism, war and international law: the legality of the use of force against Afghanistan in 2001*. Aldershot: Ashgate Publishing.
- Wylter, L. S., e Nicolas C. 2009. "Illegal Drug Trade in Africa: Trends and US Policy." Washington DC: Congressional Research Service.
- Yoroms, G. J. 2007. "Counter-Terrorism Measures in West Africa." In *Understanding Terrorism in Africa: Building Bridges and Overcoming the Gaps*, editado por Wafula Okumu e Annedi Botha. Pretoria: Institute of Security Studies.

RESUMO

Este artigo foca-se na história do terrorismo na África Ocidental na primeira metade do Século XXI e nos esforços regionais e internacionais para combatê-lo. Argumenta-se que, apesar da recente atenção dada à sub-região como uma zona de terrorismo, este possui raízes históricas mais profundas e, portanto, anteriores à posição adotada pela maioria dos acadêmicos contemporâneos. A África Ocidental tem sido vítima do terrorismo há anos e considerar apenas os acontecimentos recentes trata-se de uma injustiça à história. Em relação ao terrorismo, o que mudou e o que permanece? Quem são os key players? Quais esforços foram tomados pelas respectivas organizações para eliminar o terrorismo?

PALAVRAS-CHAVE

África Ocidental; Terrorismo; História.

Recebido em 08 de julho de 2015.
Aprovado em 04 de fevereiro de 2016.

Traduzido por Luísa Acauan Lorentz